

Título
Olhos de Ver

Texto
© Sílvia Pinto

Ilustrações
© Joana Rocha

Coordenação da Edição
Alfarroba

Revisão e Edição
Andreia Salgueiro | Alfarroba

Design e Paginação
Catarina Amaro da Costa |
Alfarroba

Impressão e Acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9197-01-5

Depósito Legal
525 627/23

1.ª edição, janeiro 2024

uma edição afetuosa da Alfarroba
© janeiro 2024, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.



Alfarroba



Capítulo I

- Anda lá, “tás-te” armar em quê?
- Eu...
- Não deves “tar” boa da cabeça, tu...
- Ainda não sei se é o momento...
- Não sabes se é o momento? Ou queres, ou não queres... Se gostasses de mim, querias...
- Eu gosto de ti...

Na verdade, amava-o. Senti uma sensação estranha a invadir-me o corpo todo logo no primeiro instante em que o vi. Tinha sido há dois anos, na rua em que ambos moramos, nem sei se ele reparou em mim. Mas eu reparara nele, ó se reparara...

- Eu é que devo “tar” maluco, com tantas miúdas atrás de mim e ando a perder o meu tempo contigo.

Senti o estômago gelar: seria ele capaz de pôr fim a tudo? Já namorávamos há dois meses, éramos da mesma turma e eu sentia-me tão bem ao lado dele: gostava da maneira como ele me olhava, do seu modo de andar, da roupa que usava, dos olhos, do cabelo, do sorriso... Às vezes, parecia que o via em todo o lado: todos os rostos eram o dele! E quando alguém pronunciava o seu nome, algo em mim despertava, num misto de emoção e de ansiedade.

- Se é para continuares armada em freira, é melhor acabar...
- Não sei se estou preparada, só tenho quinze anos.
- Há miúdas mais novas do que tu que sabem muito bem o que querem! Não se “armam” em menina do papá, como tu! Lê!

Passou-me para a mão um papel amarrotado: era um bilhete da Teresa, uma miúda insuportável e que passava a vida a atirar-se ao Paulo desde que tínhamos começado a andar um com o outro. O texto era breve:

Onde quizeres, quando quizeres... é só dizer.

No verso, o número do telemóvel.

- “Tás” a ver como não me faltam miúdas?... Não falas?
- “Quiseres” está mal escrito - disse, devolvendo-lhe o bilhete odioso para a mão.
- Pois, tu é que és a inteligente, se largasses os livros e te agarrasses ao meu...
- Não sejas mal-educado!
- E te agarrasses ao meu carinho... era o que eu ia dizer! Olha, sabes que mais? Para mim, chega!

Tremi: ele ia acabar. Não podia deixar que isso acontecesse. Amava-o demasiado. Como seria a minha vida sem ele? E ter de vê-lo com outra? Não, isso eu não iria suportar...

- Está bem - disse em voz baixa, com o coração a saltar-me do peito, confusa e nervosa...

- Que é que disseste? Não ouvi... - exclamou ele, pondo a mão em forma de concha atrás da orelha.

- Sim, eu estou de acordo. Nós os dois, tu e eu, enfim...

